



**Os Cinco Budas da Meditação de Yungang**  
**Los Cinco Buddhas de la Meditación de Yungang**  
**The Five Buddhas of Meditation from Yungang**

André BUENO<sup>1</sup>

**Abstract:** In a previous article, we examined the relationship between the Buddha Akshobhya 阿閼如来 of cave 16 from the Yungang complex 雲崗石窟 in China, and the construction of a Buddhist iconography with Indo, Greek and Roman origin's. Our proposal was that the Buddha of cave 16 is designed to spiritually receive the peoples from the Mediterranean. Now we want to analyze the elements by which we can say that the Buddha of cave 16 is Akshobhya, and as the original set of five caves of Yungang was organized according to the theory of "Five Buddhas of Meditation".

**Resumen:** En un artículo anterior, se analizó la relación entre el Buda Akshobhya 阿閼如来 en la cueva 16 del complejo de Yungang 雲崗石窟 en China, y la construcción de una iconografía budista, de orígenes indiana, griega y romana. Nuestra propuesta es que el Buda de la cueva 16 fué diseñado para recibir espiritualmente a los pueblos del Mediterráneo. Ahora queremos analizar los elementos por los cuales podemos decir que el Buda de la cueva 16 es Akshobhya, y como el conjunto original de cinco cuevas de Yungang se organizó de acuerdo con la teoría de los "Cinco Budas de la meditación".

**Keywords:** Ancient China – Buddhist Iconography – Buddhism – Intercultural Dialogue – Theory of Five Buddha's of Meditation.

**Palabras-clave:** China Antigua – Iconografía Buddhista – Budhismo – Diálogo Intercultural – Teoría de los Cinco Buddhas de la Meditación.

ENVIADO: 11.11.2015  
ACEPTADO: 20.12.2015.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto de História da UERJ. *E-mail:* [orientalismo@gmail.com](mailto:orientalismo@gmail.com).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

## I. Introdução

Em um artigo anterior, apresentamos uma estátua de Buda Akshobhya 阿閼如来, presente no complexo de cavernas de Yungang 雲崗石窟, e suas possíveis conexões com um longo processo de construção da iconografia budista que unira o Ocidente Greco-romano com a distante China. Propusemos que a estátua teria sido construída, de fato, para receber ‘espiritualmente’ os povos mediterrânicos, incorporando padrões imagéticos codificados e bem definidos da intercultural arte budista.<sup>2</sup>

Nesse presente texto, nos interessamos em analisar como se deu a formação das grutas de Yungang, na China do século 5. Construído no norte do país, na época governado pela dinastia Wei do norte 北魏, o monumental complexo das cavernas-capelas de Yungang representou uma das primeiras tentativas de diálogo entre a iconografia budista indo-mediterrânica com o imaginário cultural chinês. A construção das grutas de Yungang nasceu num momento em que o Budismo buscava restabelecer seu prestígio, e recorrendo ao apoio imperial, desenvolver um projeto absolutamente original dentro do panorama da arte chinesa dessa época. Contudo, esse mesmo projeto estava inserido numa cosmovisão política e espiritual que visava englobar o mundo, do Mediterrâneo à China, articulando-o numa perspectiva universalista e que objetivava a construção de identidades simbólicas universalistas e comuns.<sup>3</sup>

## II. O contexto da criação das Grutas de Yungang

Entre o século 1 EC, quando o Budismo chegou na China, até o período do século 5 EC, ocorreram mudanças drásticas no panorama político do império chinês<sup>4</sup>. Em 220, a dinastia Han 漢朝 se desfaz, tal como ocorreria com o reino dos Kushans e o império Parto. O país é tomado por uma onda de conflitos internos, nos quais diversos reinos buscavam a primazia política. Ao longo do período entre os séculos 3 ao 5 EC, os contatos com a Índia continuaram acontecendo regularmente, apesar das dificuldades causadas por

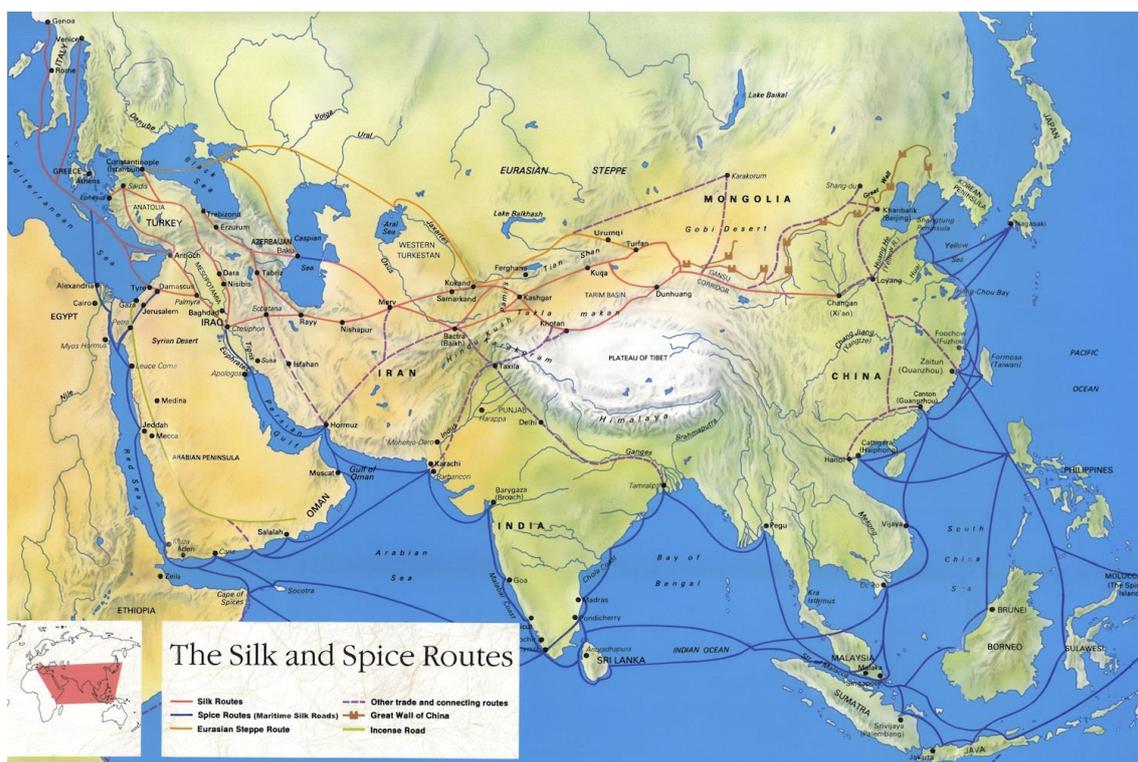
---

<sup>2</sup> “Yungang: um Buda chinês para os romanos” in *Mirabilia Ars* 2 [2015/1]. *Internet*, <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/ars/pdfs/02-03.pdf>.

<sup>3</sup> PANIKKAR, Raimon *Sobre El Dialogo Intercultural*. Esteban: Salamanca, 1997; “Religión, Filosofía y Cultura” in *Revista Polylog*. *Internet*, <http://them.polylog.org/1/fpr-es.htm>.

<sup>4</sup> Para a compreensão do contexto histórico chinês, ver LEWIS, Mark. *China between empires*. London: Belknap, 2009.2009; para o desenrolar histórico do Budismo na China, ver ZURCHER, Ernst. *The Buddhist conquest of China*. Leiden: Brill, 2007 (original: 1958).

esses conflitos políticos. A difusão do Budismo na China encontrou um terreno fértil principalmente depois da dinastia Han, e o número de adeptos parece ter crescido substancialmente. Grande parte dos missionários budistas que transitavam entre Índia e China fazia parte da linha Mahayana de Gandhara<sup>5</sup>, e levaram para o país sua experiência com a estatuária budista. As rotas terrestres seguiam os itinerários tradicionais da rota da seda, atravessando a Ásia central pelos desertos de Taklamakan, mas uma intensa rota marítima se desenvolvera desde o século 1, evitando as áreas de conflito e chegando as costas chinesas. Um importante intercâmbio material e cultural desenvolveu-se nesse período, e refletiu-se na conquista gradual de um espaço significativo para os budistas na sociedade chinesa<sup>6</sup>.



1. Mapa da Rota da Seda

([http://en.unesco.org/silkroad/sites/silkroad/files/SilkRoadMapOKS\\_big.jpg](http://en.unesco.org/silkroad/sites/silkroad/files/SilkRoadMapOKS_big.jpg)).

<sup>5</sup> CHEN, Binying. “Gandhara in Gansu” in JULIANO, Annette e LERNER, Judith (orgs.) *Monks and merchants: silk road treasures from northwest China*. Nova Iorque: Abrams & Asian Society, 2002.

<sup>6</sup> Para um quadro mais abrangente da Rota da Seda, ver XINRU, Liu. *The silk road in world history*. Oxford: Oxford University Press, 2010



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Em 386, a invasão bem-sucedida de um povo estrangeiro, os Tuoba 拓拔, forma um novo reino no norte chinês. A absorção da estrutura administrativa, junto com a cultura chinesa, fez com que os Tuoba gradualmente se sinizassem, adotando o nome de Dinastia Wei do Norte. Esse processo de adoção da cultura chinesa teve desdobramentos importantes. O imperador Taiwu 太武(424 a 452) tornou-se um adepto da religião daoísta, culto nativo (ou como diria Greg Woolf, ‘cívico’<sup>7</sup>) da China. Ao tentar afirmar-se como ‘sinizado’, ele decretou a primeira grande perseguição ao Budismo, espoliando a comunidade budista de seus templos e bens. A reação de Taiwu contra o Budismo foi bastante peculiar, e parece derivada do desejo de se autoafirmar como chinês perante uma sociedade que ainda o via como estrangeiro. O Budismo Mahayana estava carregado de imagens e conceitos com os quais os chineses cultos estavam pouco familiarizados, mas que possuía um grande apelo popular. A iconografia budista se distinguia nitidamente no panorama da arte chinesa, por suas origens indo-greco-romanas que lhe garantiam um formato inconfundível. No entanto, esse longo período histórico de assentamento exigiu do budismo a identificação de equivalentes homeomórficos com os quais pudessem dialogar com a cultural chinesa. O decreto de Taiwu nos permite supor, portanto, que apesar da longa estada no Budismo no país, certas dificuldades adaptativas ainda persistiam.

O sucessor de Taiwu, Wencheng 文成 (452 a 465), percebeu as vantagens que existiam em associar-se a Budismo, ao invés de persegui-lo, entendeu acertadamente que ele poderia ser um dos meios de diálogo com a população chinesa. Através da religião, ele poderia alcançar o povo com maior facilidade, apesar do receio da intelectualidade nativa quanto aos budistas<sup>8</sup>. Na prática, ele simplesmente se inspirava no modelo bem-sucedido, desenvolvido pelos

---

<sup>7</sup> Sobre o conceito de ‘Religiões Mundias’ e ‘Religiões Cívicas’, ver WOOLF, Greg, “World Religion and World Empire in the Ancient Mediterranean” in CANCIK, Hunbert e RUPKE, Jorg (orgs.) *Die Religion des Imperium Romanum*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009, p.19-34.

<sup>8</sup> A história de Wencheng e de suas relações com os budistas, incluindo Tanyao, está descrito no ‘Shi Laozhi’ ou ‘Recordações do Budismo e do Daoísmo’, capítulo do *Weishu* (*Livro de Wei*). Uma tradução desse texto, feita L. Hurvitz, foi publicada em 1956 como anexo do relatório das escavações de Yungang. Ele é um anexo de MIZUNO, Seichi e NAGAHIRO, Toshio. *Yun-Kang: the Buddhist caves temples of the fifth century a.D. in north China – detailed report of the archaeological survey carried out by the mission of the Tobobunka Kenkyusho 1938-45*. Kyoto: Jibumkagaku Kenkyusho, 1955-6, vol. 11 (gruta 16) e vol. 16 (trad. de L. Hurvitz do ‘Shi Laozhi’). *Internet*, [http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/bitstream/2433/139089/10/YunKang\\_v16\\_suppl\\_text.pdf](http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/bitstream/2433/139089/10/YunKang_v16_suppl_text.pdf).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Kushans, alguns séculos antes. Wencheng ponderou que seria apropriado reconciliar-se com os budistas, que podiam representá-lo perante uma parcela significativa da população – e mesmo, fora do império. Decidiu, assim, atender aos apelos do monge Tanyao 曇曜, expoente do budismo Mahayana chinês, que pedira o apoio da majestade real para a construção de cinco grutas perto de Pingcheng 平城. O projeto de Tanyao representava uma novidade para a arte tradicional chinesa. Sua intenção era de escavar cinco grutas da rocha, apresentando imagens colossais de Buda, algo que ainda não havia sido feito na China até então. Essas cinco grutas constituiriam o núcleo inicial do conjunto das grutas de Yungang, e representavam a reafirmação da presença budista na China após o período de Taiwu.

### III. O Complexo de Yungang

A primeira série das grutas de Yungang, hoje classificadas como grutas 16, 17, 18, 19 e 20<sup>9</sup>, começou a ser construída durante o reinado do próprio Wencheng. Achar arquitetos e trabalhadores não seria uma tarefa sumamente complicada: a região de Gansu estava repleta de artistas gandharianos, espalhados em pequenas comunidades.<sup>10</sup> Em Gansu seria desenvolvido, depois, o complexo de Mogao 莫高-Dunhuang 敦煌.<sup>11</sup> Tanyao dispunha, portanto, de mão de obra qualificada e do apoio de outras comunidades budistas para o desenvolvimento de seu projeto.

As grutas tinham objetivos diversos: primeiro, elas serviriam basicamente de capelas para meditação e adoração das imagens budistas. Cada uma das grutas seria igualmente associada a um soberano da dinastia Wei, de modo a

---

<sup>9</sup> As grutas de Yungang compõem, no total, um conjunto de 20 grutas maiores, subdivididas em aproximadamente 250, nas quais estão esculpidas em torno de 50.000 imagens, relativas às diversas manifestações dos Budas – Budas terrenos, Budas de meditação, Bodisatvas, entre outras. Seu processo de construção durou entre 452 a 493, quando a mudança da capital imperial de Pingcheng para Luoyang provocou o rápido declínio do complexo. Iniciativas particulares mantiveram um ritmo bastante reduzido de construções no local, e acredita-se que a última gruta tenha sido escavada e finalizada em torno de 525.

<sup>10</sup> CHEN, Binying. “Gandhara in Gansu”; JULIANO, Annette & LERNER, Judith. “The silk road in Gansu and Ningxia”; in JULIANO, Annette e LERNER, Judith (orgs.) *Monks and merchants: silk road treasures from northwest China*. Nova Iorque: Abrams & Asian Society, 2002.

<sup>11</sup> Sobre Mogao, ver WHITFIELD, Roderick. *Cave temples of Mogao: art and history on the Silk Road*. Getty Conservation Institute, 2000.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

homenagear o patrocínio imperial e manifestar sua força política e prestígio.<sup>12</sup> Uma longa discussão foi estabelecida desde a missão japonesa no local, em 1938, acerca da cronologia da construção das grutas e de suas funções.<sup>13</sup> Margareth Rhie aponta que o debate em torno dessa cronologia é importante, mas destaca que os pesquisadores envolvidos não buscaram analisar o significado do posicionamento e do formato das grutas (Figs. 2 e 3).<sup>14</sup> Esse é o ponto em que buscaremos nos ater.

De fato, apenas John Huntington<sup>15</sup> propôs algo nesse sentido. Embora reconhecessem o caráter meditativo das grutas, tanto Huntington quanto os autores anteriores não perceberam a conexão entre o ato de meditar, uma possível teoria de ordenação do espaço para meditação e o desenvolvimento do projeto das escavações. A chave para explicar a construção das cinco grutas (inclusive o seu número) foi proposta por M. Rhie. Segundo esta autora, a disposição das grutas e seu sentido simbólico foram organizados por Tanyao segundo a teoria dos ‘Cinco Budas da Meditação’ 五方佛, razão pela qual desde seu início as grutas adquirem um forte caráter simbólico.<sup>16</sup>

A teoria dos ‘Cinco Budas da Meditação’ consiste numa metodologia de organização mágica do espaço e dos símbolos para a realização da meditação. Li Yuqun<sup>17</sup> destaca que o próprio Tanyao era um especialista em meditação, que costumava apontar para seus discípulos os espaços e as condições mais indicadas para realizá-la. Ele também foi responsável pela tradução de alguns textos budistas indianos para o chinês, incluindo escritos sobre este tema.

---

<sup>12</sup> Sobre o patronato das obras monumentais na China Medieval, ver: McNAIR, Amy. *Donors of Longmen: faith, politics, and patronage in medieval Chinese Buddhist sculpture*. Honolulu: Hawai University press, 2007.

<sup>13</sup> CASWELL, James. *Written and Unwritten: A New History of the Buddhist Caves at Yungang*. Vancouver: UBC, 1988.

<sup>14</sup> RHIE, Margareth. *Early Buddhist Art of China and Central Asia*, Volume 3. Leiden: Brill, 2010, p.472.

<sup>15</sup> HUNTINGTON, John. “The iconography and iconology of the ‘Tan Yao’ caves at Yungang” in *Oriental Art*, vol. 32, n. 2, 1986, p. 142-161.

<sup>16</sup> Huntington (1986) chega a citar a teoria dos Cinco Budas da meditação, mas apenas a título de ilustração, defendendo que não havia conexão direta entre ela e a construção das grutas. Nessa questão, a teoria proposta por Rhie nos parece mais coerente e conclusiva.

<sup>17</sup> LI, Yuqun “Classification, Layout, and Iconography of Buddhist Cave Temples and Monasteries” in LAGERWEY, John. e PENGZHU, Li. (orgs.) *Early Chinese Religion, Part Two: The Period of Division (220-589 AD)*. Leiden: Brill, 2009, p. 580.

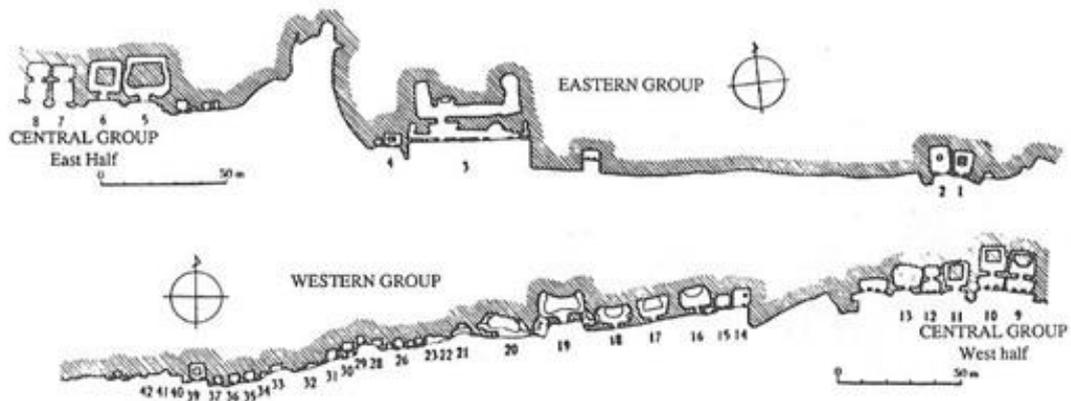


Figure 44 Yungang Site Plan

2. Esquema das Grutas. CASWELL, 1988, plate 44.

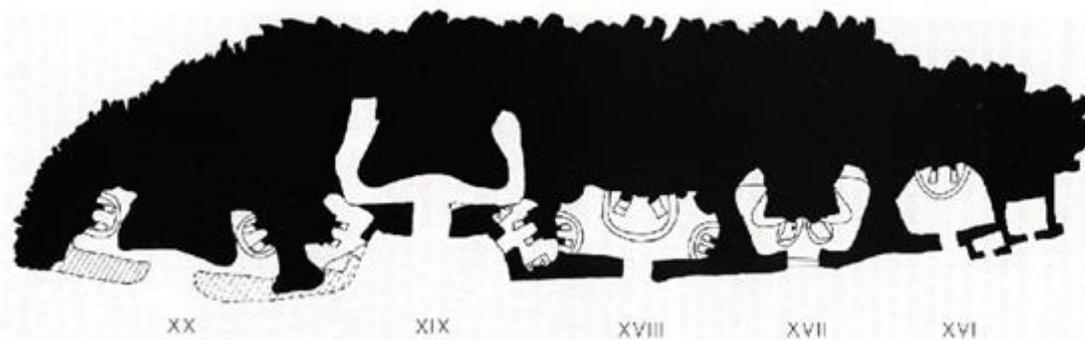
Todavia, Tanyao parecia não estar preocupado somente com a meditação. A continuidade do Budismo dependia do apoio e da generosidade da estrutura imperial.<sup>18</sup> Como dissemos, cada uma das grutas seria associada a um soberano Wei, que até Wencheng completavam exatamente o número de cinco.<sup>19</sup> O sentido simbólico de cada gruta deveria comportar uma mensagem inserida no pensamento transcendental da teoria dos ‘Cinco Budas da Meditação’. As grutas representariam um monumento de instituição do budismo, e um centro de ordenação cósmica do qual emanaria o poder de Buda.

A construção das grutas entendia, de certo modo, que o império Wei continuava ligado ao mundo exterior, e que seu poder alcançava as fronteiras das outras civilizações. Desse modo, elas cumpririam uma dupla função: primeira, a de fortalecer a imagem imperial perante os chineses e os

<sup>18</sup> LI, Yuqun “Classification, Layout, and Iconography of Buddhist Cave Temples and Monasteries”, 2009, p. 585; ADAMEK, Wendi. *The Mystique of Transmission: On an Early Chan History and Its Contexts*. Columbia: Columbia University press, 2007, p. 91-98.

<sup>19</sup> Incluindo o próprio Taiwu, perseguidor do budismo, e Nan An Wang, príncipe que sucedeu Taiwu por menos de um ano antes que Wencheng assumisse o poder. (RHIE, “Early Buddhist Art of China and Central Asia, Volume 3”, 2010, p. 471) Para uma história mais detalhada da dinastia Wei do Norte e a questão da relação entre Budismo e Daoísmo, ver LEWIS, *China between empires*, 2009, p. 196-221 e YU, *State and religion in China*, 2005, p. 90-135.

estrangeiros, apresentando uma ‘religião mundial’ como porta para o diálogo intercultural. Esse poder político, que favorecia o budismo e abria as portas para a sua expansão, seria acompanhado de um ‘poder espiritual búdico’, que fortaleceria a imagem imperial onde quer que ela fosse – e por consequência, o próprio movimento budista. Tal poder adviria, justamente, das práticas meditativas, cujos benefícios atingiam não apenas os monges, mas toda a comunidade.



3. Diagrama do primeiro conjunto original de Tanyao. HUNTINGTON, 1986, p. 143

A teoria dos Cinco Budas da Meditação parece ter sido utilizada por Tanyao para o desenvolvimento da planta das grutas. Rhie fez um extenso levantamento desses tipos de construção existentes do Afeganistão até a China para reconstituir um quadro de possíveis associações. Em muitas delas se encontram reproduções desse motivo, o que lhe forneceu a base para identificar uma apropriação semelhante no caso de Yungang. Para compreendermos no que constitui essa teoria, e como ela se aplica ao caso das grutas chinesas, façamos uma breve introdução à mesma.

#### IV. A teoria dos Cinco Budas da Meditação

A teoria dos cinco Budas da meditação é apresentada num texto indiano Mahayana intitulado *Bhadrakalpika Sutra*. Ele foi traduzido para o chinês em torno de 300, e descreve as configurações da meditação budista, associadas a cinco manifestações distintas de Buda. Ele indica as formas, os espaços, direções e símbolos que devem ser empregados na prática de meditação. Cada uma das manifestações de Buda presente nesse sistema está associada a uma



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

direção, uma cor, um elemento, um símbolo de poder e um atributo espiritual.<sup>20</sup> Essa ordenação segue o seguinte quadro:



4. Quadro da Ordenação

No entanto, as grutas estão organizadas em linha, e não em círculo. Como, então, determinar qual gruta pertencia a qual Buda? Novamente, Rhie precisou vasculhar tanto a literatura budista quanto em outros complexos de grutas para identificar, a partir da mitologia budista, uma associação dos Budas da meditação com as encarnações do Budas no mundo terreno<sup>21</sup>, presentes num texto intitulado *Suvarnaprabhasa Sutra*:

<sup>20</sup> RHIE, *Early Buddhist Art of China and Central Asia*, 2010, p. 476.

<sup>21</sup> É importante notar que o Buda a que nos referimos aqui é ‘O Buda primordial’ que, na mitologia budista, se manifestou várias vezes no mundo terreno para ensinar a doutrina da iluminação. Desses, Sidharta Gautama (Sakyamuni) foi uma de suas encarnações (ou ‘emanações’, se considerarmos cada uma das encarnações como entidades individuais), que fundou uma escola especificamente para difundir essa doutrina. Para um aprofundamento nessa questão ver BUCKNELL, Roderick. e FOX, Martin. *The twilight language: explorations in buddhist meditations and symbolism*. Londres: Curzon, 1993. Outra fonte sobre a ‘arte esotérica’ budista: ver KLIMBURG-SALTER, Deborah (org.). *The silk route and the diamond path: esoteric Buddhist art on the trans-Himalayan trade routes*. Los Angeles: UCLA, 1982.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Centro: Vairocana - Krakucchanda

Leste: Aksobhya - Kanakamuni

Sul: Ratnashambava - Kasyapa

Oeste: Amitabha - Sakyamuni

Norte: Amoghasiddhi - Maitreya.<sup>22</sup>

Essas associações eram feitas dentro da lógica da reencarnação presente no Budismo. Cada Buda terreno encarnou numa época diferente (tempo), e os Budas da meditação são encarnações que convivem concomitantemente em terras espirituais (espaço), correspondendo a funções e estágios específicos da meditação, como vimos antes. Esse sistema de associações se estende por muitas outras áreas da doutrina budista, e é possível detectá-los em outros complexos. Por isso, precisamos nos deter aqui para compreender a ordenação das grutas de Yungang. Com base, pois, no segundo esquema apresentado, é possível alinhar as encarnações búdicas por ordem temporal de ‘aparecimento’ no mundo terreno:

1º, Gruta 16: Aksobhya - Kanakamuni

2º, Gruta 17: Amoghasiddhi - Maitreya

3º, Gruta 18: Vairocana - Krakucchanda

4º, Gruta 19: Ratnashambava - Kasyapa

5º, Gruta 20: Amitabha - Sakyamuni.

Com isso, a ordem das grutas fica perfeitamente alinhada, em termos de ‘espaço-tempo’, com a de Vairocana (Krakucchanda, 3ª encarnação) exatamente no centro, Aksobhya (Kanakamuni, 1ª) e Amitabha (Sakyamuni, 5ª) nas extremidades e Amoghasiddhi (Maitreya, 2ª) e Ratnaketu (Kasyapa, 4ª) nos lados da gruta 18. Esse mesmo esquema permite manter a ‘circularidade’ das direções em torno do centro: leste-sul-oeste-norte, no sentido horário, abrangendo todas as regiões do mundo terreno e espiritual.<sup>23</sup>

Notemos que a gruta 20, que se identifica com Sakyamuni (Sidarta Gautama), é associada à Wencheng, o 5º soberano de Wei do Norte e patrono das grutas de Yungang. A mensagem parece clara: Wencheng veio libertar o mundo da ignorância e da ilusão (‘Maya’, em sânscrito) ao permitir a construção do complexo e a divulgação da doutrina budista, assim como fez Buda

---

<sup>22</sup> RHIE, *Early Buddhist Art of China and Central Asia*, 2010, p. 477.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 478.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Sakyamuni ao fundar a sangha (comunidade da doutrina budista) no plano terreno, no século -6.

Ao decifrar esse complexo e sutil sistema proposto por Tanyao, Rhie nos permitiu identificar os Budas da meditação presentes em cada uma das grutas, bem como seus atributos e correspondentes na mitologia budista. Como indicamos antes, porém, a construção do complexo pretendia servir como um ‘centro de poder espiritual’ para a difusão da mensagem budista, tanto no mundo chinês quanto fora dele. Isso trouxe importantes consequências na escolha dos motivos e representações presentes em cada caverna.

E foi no decurso dos levantamentos feitos para essa pesquisa, que identificamos na gruta 16 a interessante representação do Buda em pé (Buda Aksobhya), que domina o conjunto, com algumas particularidades que nos permitem propor que a sua presença nesse nicho, bem como suas vestimentas e atributos, possuem uma conexão iconográfica direta com a imagem do Buda em pé de toga romana, existente em Gandhara, e inspirada no modelo romano de Augusto *paterfamilias*, que descrevemos anteriormente em outros dois artigos.<sup>24</sup>

Nossa intenção é propor que a construção da estátua central do conjunto foi realizada tendo em vista o contato com o mundo ocidental, em função de suas características específicas e das possíveis conexões que podemos estabelecer com o contexto da época. O Buda central da gruta 16 apresentaria uma série de símbolos, utilizados dentro da iconografia budista Mahayana, que constituem equivalentes homeomórficos desenvolvidos nas interações culturais com as culturas mediterrânicas.

## V. Uma breve descrição da Gruta 16 do Buda Akshobya

A gruta 16 do Buda Akshobya é uma escavação simples, feita diretamente na rocha, em dimensões de 15m x 13m x 5m [altura x largura x profundidade], cuja estátua principal é a do Buda Akshobya, de aproximadamente 13m de altura. A gruta está decorada com três tipos básicos de conjuntos de motivos:

---

<sup>24</sup> BUENO, André “Yungang: um Buda chinês para os romanos”, *op. cit.*, e “Um Buda para o Mediterrâneo: A Criação da Imagem do Buda em Pé a partir de um Modelo Romano” in *Revista Rever*, v. 14, n. 1 (2014).



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

1. Os ‘Mil Budas’: representação na qual são esculpidas mil Budas idênticos dentro da caverna. Esse motivo é comum também em Mogao e Longmen. Seu propósito é duplo: ocupar o espaço das paredes, sem deixar espaços vazios, e representar a multiplicidade das manifestações de Buda, buscando demonstrar que sua presença abarca a tudo;
2. As ‘Sete encarnações de Buda’: incrustado sob a trave e nas paredes, são representadas imagens das diversas encarnações de Buda, representando as suas manifestações no mundo terreno e a crença do ‘Buda-que-virá’, ou Buda futuro, o último a encarnar no mundo para realizar a salvação espiritual;
3. Incrustados nas paredes, há uma série de seções que representam os ‘bodisatvas’, Budas (‘iluminados’) que optaram por permanecer no plano terreno para continuar ajudando na libertação espiritual das outras pessoas, bem como representações isoladas de Budas de outros gêneros, e de figuras variadas ligadas a histórias da doutrina budista, as ‘jatakas’.

Esses três conjuntos foram construídos em momentos diferentes. Mizuno<sup>25</sup> propõe que eles foram escavados em três etapas distintas: a primeira seria aquela na qual se construiu a estátua central de Akshobya, e possivelmente o motivo dos mil Budas para completar o cenário da gruta, junto com as outras cinco grutas, num período que iria até 465.<sup>26</sup> A segunda etapa teria se desenrolado entre 465 até a transferência da capital de Pingcheng para Luoyang (493), e a terceira, depois desse período até uma data estimada em torno de 525, quando o complexo encerra as construções e fica sob a supervisão dos monges locais.

Na primeira etapa, o financiamento imperial do governo Wencheng permitiu a escavação do Buda central, cuja ênfase era complementada pela figuração dos mil Budas. Possivelmente as duas figuras na entrada da gruta – seus guardiões – também foram construídas nessa fase. Como as outras duas etapas foram

---

<sup>25</sup> MIZUNO, Seichi. & NAGAIHIRO, Toshio. *Yun-Kang: the Buddhist caves temples of the fifth century a.D. in north China – detailed report of the archaeological survey carried out by the mission of the Tohobunka Kenkyusho 1938-45*. Kyoto: Jibumkagaku Kenkyusho, 1955-6, vol. 11 (gruta 16) e vol. 16 (trad. de L. Hurvitz do ‘Shi Laozhi’).

<sup>26</sup> Não há certeza sobre essa afirmação, porém. É possível que o motivo dos ‘Mil Budas’ tenha aparecido primeiro em Mogao, e depois, em Yungang. Só podemos considerar como sendo da primeira fase, de fato, a estátua central do Buda Akshobya. Para compreender melhor o motivo dos Mil Budas, ler a tese de Mestrado em Artes de PEPPER, France. *The Thousand Buddha Motif: A Visual Chant in Buddhist Cave-Temples Along the Silk Road*. Montreal: McGill University, 1995.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

feitas a partir de iniciativas privadas, isso nos permite supor, então, que essas representações não necessariamente se articulam a proposta inicial da gruta. Por questões de economia, elas são também mais reduzidas e diminutas, e após a morte de Wencheng (465), é provável que nenhuma outra estátua de grandes proporções foi realizada. Em relação à gruta 16, algumas evidências nos permitem fazer essas suposições:

- a) Diferença substantiva de estilo entre a estátua central e os outros dois conjuntos (as sete encarnações de Buda e os Bodisatvas). A estátua central, como veremos, representa um estilo inicial de Yungang, fortemente derivado de Gandhara e com motivações específicas. Os outros dois conjuntos possuem características bem mais achinesadas na representação da face e dos olhos;
- b) Nota-se que algumas dessas representações foram inseridas em espaços onde antes estavam presentes o conjunto dos 'Mil Budas', quebrando sua continuidade. Com exceção da trave e das partes superiores da porta, onde o espaço estava aparentemente 'limpo', as outras imagens foram aparentemente esculpidas sobre os motivos anteriores.

Com base nessas análises, é possível concluir, portanto, que a estátua principal, além de mais antiga, denota o sentido original da gruta 16. As estátuas grandiosas das grutas 15 a 20 forneceram a identidade do primeiro conjunto de grutas de Yungang, nos remetendo a proposta de Tanyao, e fornecendo uma prova satisfatória do modelo proposto por Rhie.

## Conclusão

Assim sendo, o passo seguinte foi compreender os atributos e símbolos presentes nas grutas, das quais tivemos a oportunidade, como antes comentando, de analisar a gruta 16. Os atributos específicos do Buda Akshobhya, como propusemos, teriam por fim uma conexão espiritual com os enviados do Ocidente, apresentando-os um Buda receptivo, cujos atributos místicos se dirigiam a região de onde fossem provenientes. Todo o conjunto da gruta 16 foi sendo incrementado ao longo dos séculos, perdendo parte de seu sentido original.

Todavia, uma análise da simbologia ali codificada nos permite compreender que o imaginário do Budismo chinês era muito mais amplo e intercultural do que costumamos supor, sendo capaz de alcançar mesmo o distante mundo mediterrânico.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

## Bibliografia

- ADAMEK, Wendi. *The Mystique of Transmission: On an Early Chan History and Its Contexts*. Columbia: Columbia University press, 2007.
- BUENO, André “Yungang: um Buda chinês para os romanos” in *Mirabilia Ars* 2 (2015/1). *Internet*, <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/ars/pdfs/02-03.pdf>.
- BUENO, André “Um Buda para o Mediterrâneo: A Criação da Imagem do Buda em Pé a partir de um Modelo Romano” in *Revista Rever*, v. 14, n. 1 (2014).
- CASWELL, James, *Written and Unwritten: A New History of the Buddhist Caves at Yungang*. Vancouver: UBC, 1988.
- CHEN Bingying, “Gandhara in Gansu” in JULIANO, Anette e LERNER, Judith (orgs.) *Monks and merchants: silk road treasures from northwest China*. Nova Iorque: Abrams & Asian Society, 2002, p.210-20.
- HUNTINGTON, John, “The iconography and iconology of the “Tan Yao” caves at Yungang” in *Oriental Art*, vol. 32, n.2, Nova Iorque, 1986, p.141-62.
- JULIANO, Anette e LERNER, Judith, “The silk road in Gansu and Ningxia” in JULIANO, Anette e LERNER, Judith (orgs.) *Monks and merchants: silk road treasures from northwest China*. Nova Iorque: Abrams & Asian Society, 2002, p.20-50.
- KLIMBURG-SALTER, Debora. (Ed.) *The Silk Route and the Diamond Path: Esoteric Buddhist art on the trans-Himalayan trade routes*. Los Angeles: UCLA, 1982.
- LEWIS, Mark. *China between Empires*. Londres: Belknap, 2009
- LI Yuqun, “Classification, Layout, and Iconography of Buddhist Cave Temples and Monasteries” in LAGERWEY, John e LI Pengzhu (orgs.) *Early Chinese Religion, Part Two: The Period of Division (220-589 AD)*. Leiden: Brill, 2009.
- LIU Xinru, *The silk road in world history*. Oxford: OUP, 2010.
- MacARTHUR, Meier, *Reading the buddhist art*. Londres: Thames and Hudson, 2004.
- MIZUNO, Seiichi. & NAGAHIRO, Toshio. *Yun-Kang: the Buddhist caves temples of the fifth century AD in north China - detailed report of the Archaeological Survey Carried Out By the mission of the Tohobunka Kenkyusho 1938-45*. Kyoto: Jibumkagaku Kenkyusho, 1955-6, vol. 11 (cave 16) e vol. 16. *Internet*, [http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/bitstream/2433/139089/10/YunKang\\_v16\\_suppl\\_text.pdf](http://repository.kulib.kyoto-u.ac.jp/dspace/bitstream/2433/139089/10/YunKang_v16_suppl_text.pdf).
- McNAIR, Amy. *Donors of Longmen: faith, politics, and patronage in medieval Chinese Buddhist sculpture*. Honolulu: Hawai University press, 2007.
- PANIKKAR, Raimon, *Sobre El Dialogo Intercultural*. Esteban: Salamanca, 1997.
- PEPPER, France, *The Thousand Buddha Motif: A Visual Chant in Buddhist Cave-Temples Along the Silk Road*. Montreal: McGill University, 1995.
- RHIE, M. *Early Buddhist Art of China and Central Asia, Volume 3*. Leiden: Brill, 2010.
- WHITFIELD, Susan, *Cave temples of Mogao: art and history on the silk road*. Getty Conservation Institute, 2000.
- WOOLF, Greg, “World Religion and World Empire in the Ancient Mediterranean” in CANCIK, Hunbert e RUPKE, Jorg (orgs.) *Die Religion des Imperium Romanum*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2009, p.19-34.
- YU Taishan “A Study of the History of the Relationship between the Western and Eastern Han, Wei, Jin, Northern and Southern Dynasties and the Western Regions” in *Sino-*

rem

SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*Ars moriendi*. Ideas, ritos e imágenes de la muerte

*Ars moriendi*. Ideias, ritos e imagens da morte

*Ars moriendi*. Ideas, rites and images of death

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

*Platonic papers* N. 173, Philadelphia: University of Pennsylvania, 2006, p. 130. *Internet*,  
[www.sino-platonic.org](http://www.sino-platonic.org).

YU, Anthony, *State and Religion in China*. Chicago: Open Court, 2005, p. 90-135.

ZURCHER, Erich, *The Buddhist conquest of China*. Leiden: Brill, 2007 (original: 1958)

ZWALF, Wladimir. *Buddhism: art and faith*. London: British Museum, 1996.